

5 de abril de 2023

Museu do Pico, Açores

Estão de olhos postos em mim, mas não deviam. Os olhares deveriam todos recair sobre um poeta/narrador rebelde, incomodado, corajosamente irrequieto que durante 50 anos, também eles de poesia, enfrentou a irregularidade do quotidiano. Sairia eu do brasão da nossa história açoriana, tal açor engalanado, e sobrevoaria este maravilhoso mar vermelho e negro de nome "Crónica do Quotidiano Inútil – 50 anos de vida literária". Senti-me predadora de palavras, perdida num jogo de espelhos iconicamente deturpados por uma análise crítica, tenaz e muito afinada, tal viola da terra em noite de chamarrita na eira. Perdoem-me a ousadia, mas esta afronta que o nosso povo foi sempre capaz de fazer através da viola e das palavras equipara-se à deste poeta.

Trago-lhe uma surpresa, Chrys Chrystello, uma viola da terra nas mãos de um cantador de chamarrita picaroto e acompanhado no despique por outro, por um segundo. Paulo Rogério Goulart na voz e Orlando Martins, na voz e no som trinado da viola da terra, a dos 2 corações.

CHAMARRITA CANTADA

Vou repescar, da minha introdução, o vocábulo **icónico** que, derivando do latim "iconicus", apresenta o sentido de algo feito naturalmente; que tem semelhança com o que representa, que simboliza uma época, uma cultura, uma área do conhecimento. Eu diria mais refere-se a alguém que se destaca ou se distingue em relação aos demais, conferindo-lhe um comportamento, esse sim, icônico. São 6 volumes condensados num único grito que, tomando as palavras de Sérgio Augusto Vieira no prefácio do volume I datado de maio de 1972, diz:

“Só podemos chegar ao mundo do poeta pelo abandono temporário de nossos hábitos de pensamento ou de nossas funções pensadas(..). Em relação ao jovem poeta José Chrystello, desejamos que o não vejam com a rudeza e a intranscendência dos conceitos e das deformações do pensamento crítico, mas que o olhem como que mergulhados no seu mundo, no momento de suas vivências. Só desse modo devem ser vistos os artistas.”

Há aqui um aconselhamento ao leitor que data de 1972, como já referi, mas atualíssimo, alta costura, 2023/24, meus senhores. – Repito: Só desse modo devem ser vistos os artistas.

Primeiramente avagarei na palavra icónico e agora permitam-me voltar às cores, à capa e contra-capa – vermelho, preto e branco e uma imagem; na capa, um perfil com mão de escrita que intercala o número 50 – tanto poderia ser dito da simbologia destas cores e deste número, mas tão diretamente como o narrador desta obra “ eu quero que tudo isto seja significado de libertação e grito de revolta à subordinação dos povos e de um eu lírico”.

Na contra-capa há um círculo que nos inflama a curiosidade; é o autor a impor a sua verdade – vigiarás, mas mediante as minhas formas e propostas; se fores astuto sobreviverás. Temos que nos despir do nosso quotidiano inútil e embarcar, através desta estrutura circular, numa jornada sem fim, com retornos memoráveis – aos seus países, às suas cidades, às suas ilhas, aos seus lugares, aos seus amores e desamores, à suas guerras, à sua paz.

Ao longo destes 6 volumes há uma denúncia de um quotidiano mísero, de um Deus não protetor, de uma sociedade em coma como podemos verificar no poema seguinte que encontrei no volume 6

Orlando – Música “Este parte, aquele parte...”

Carla - “galiza não morras sózinha” – página 181

Este narrador é nitidamente contestatário e no mesmo volume 6 mantém esta vontade de mudança gritando: “deem-me outro povo menos manso / gente de sangue na venta / capaz de vencer a tormenta”.

Mas este ser tumultuoso também dá possibilidades às homenagens, a muitas personagens de valor, de muito valor, mais ou menos reconhecidas – António Gedeão, Natália Correia, Maria Nini, Pedro da Silveira, Dias de Melo... e tantos tantos outros que são referência nomeada nas manchetes dos seus poemas. Fico a dizer-vos, com os toques da viola da terra, um que me diz muito como leitora e ex estudante da Universidade dos Açores, aluna de um professor marcante:

Orlando – Música “Eu fui ao pico, piquei-me”

Carla - Poemas a Urbano Bettencourt, pág. 204

É tão nítido e contagiante o entusiasmo deste narrador que mostra ao leitor que ao longo da sua viagem de, no mínimo, 50 anos de memórias, traz consigo eternidades de gentes que lhe foram significativas quer no Planeta Chrys, quer no Planeta Macau, quer no Planeta Timor, quer no Planeta Galiza, quer no Planeta Açores como ele próprio nomeia nos volumes 5 e 6.

Meus senhores e minhas senhoras, tanto haveria ainda para dizer nos recursos de estilo, na forma estonteante das rimas, na pontuação, no entrosamento da natureza com o poema... mas prometi ser breve. Sou uma picarota muito mais Ilha Maior do que era há 1 mês atrás. Esta viagem por "Crónica do Quotidiano Inútil – 50 anos de vida literária" limou-me, engrandeceu-me. Muito grata pelo convite e termino com umas "açorianices" um dos poemas mais deliciosos desta viagem:

Orlando – Música "Ilhas de Bruma"

Carla - Açorianices, pág. 174

Lajes do Pico, 5 de abril de 2023

Carla Maria Pereira Pimentel Silva